

PAPA FRANCISCO E A PRIMAVERA ECLESIAL. UMA REFLEXÃO TEOLÓGICO- PASTORAL SOBRE OS DEZ ANOS DO SEU PONTIFICADO A PARTIR DA FAMÍLIA E DAS JUVENTUDES

*POPE FRANCIS AND THE ECCLESIAL SPRINGTIME. A THEOLOGICAL-
PASTORAL REFLECTION ON THE TEN YEARS OF HIS PONTIFICATE FROM THE
FAMILY AND YOUTH*

*André Luiz Boccato de Almeida¹
Everton Brunaikovics Georgetti²
Vilk Junio Araújo de Lima³*

Resumo: O presente artigo abordará a questão da relevância reformadora do Papa Francisco em seus dez anos de pontificado, a primavera eclesial, a partir de uma análise sobre o tema da família e das juventudes. Sabe-se que o dinâmico e visível processo de reforma eclesial e curial não é um fenômeno atual na história. Contudo, após o grande evento eclesial do século XX como o Concílio Vaticano II, um novo “vento” de reforma inundou o coração dos padres conciliares, com o intento de fazer dialogar com a Igreja em uma nova modernidade. O Papa Francisco, filho deste Concílio, imbuído deste “espírito” conciliar, assumiu como missão reformar e instaurar um alargado processo de escuta sinodal em que das vozes mais eloquentes às mais silenciosas pudessem falar e partilhar suas perspectivas. É fato que um novo tipo de tensão proveniente da particularidade brotasse deste dispositivo de escuta. Nesta reflexão, pretende-se repercutir sobre este processo, a partir de três horizontes interligados. No primeiro, expor o tema do papado de Francisco como uma primavera eclesial em que questões antes silenciadas, encontrassem agora um local de escuta e diálogo sinodal. Num segundo, situar a reforma silenciosa desta primavera eclesial a partir do tema da família com suas conflitualidades próprias. Enfim, analisar também, a partir do tema das juventudes, o alvorecer de uma nova forma de acolher e escutar as várias pluralidades juvenis. O método de observação será o hermenêutico reflexivo, dando importância às fontes que brotaram das reflexões teológicas.

Palavras-chave: Papa Francisco; Família. Juventudes. Pastoral.

Abstract: This article will address the question of the reforming relevance of Pope Francis in his ten years of pontificate, the ecclesial spring, from an analysis on the theme of family and youth. It is known that the dynamic and visible process of ecclesial and curial reform is not a current phenomenon in history. However, after the great ecclesial event of the 20th century, such as the Second Vatican Council, a new “wind” of reform flooded the hearts of the council fathers, with the intention of establishing a dialogue with the Church in a new modernity. Pope Francis, son of this Council, imbued with this conciliar “spirit”, took on the mission of reforming and establishing a broad process of synodal listening in which the most eloquent voices to the most silent could speak and share their perspectives. It is a fact that a new type of tension arising from the

¹ Pós-Doutor em Teologia (PUC-PR). Doutor em Teologia Moral (Lateranense de Roma-Afonsiana). Mestre em Teologia (PUC-SP). Professor de Teologia na PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisas PHAES (Pessoa Humana Antropologia Ética e Sexualidade). E-mail: albalmeida@puccsp.br

² Graduado em Filosofia pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA) e Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Especialista em Pastoral Juvenil pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), Mestrando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: everton_brunaikovesc@hotmail.com

³ Formado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Diocesana São José (FADISI). Especialista em Fundamentos filosóficos da Bioética pela Faculdade Diocesana São José (FADISI). E mestrando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) E-mail: vilkjunio@gmail.com

particularity sprouted from this listening device. In this reflection, we intend to reflect on this process, from three interconnected horizons. In the first, to expose the theme of Francis' papacy as an ecclesial spring in which questions previously silenced now find a place for listening and synodal dialogue. In a second, situate the silent reform of this ecclesial spring from the theme of the family with its own conflicts. Finally, to also analyze, from the theme of youth, the dawn of a new way of welcoming and listening to the various youth pluralities. The observation method will be the reflective hermeneutic, giving importance to the sources that sprouted from the theological reflections.

Keywords: Pope Francis. Family. Youths. Pastoral.

Introdução

O presente artigo versa o ímpeto reformador do pontificado de Francisco dentro da perspectiva de sinodalidade, em que se apresentam gestos, atitudes e discursividades com o afã de propiciar um retorno à fonte evangélica. Dentro das várias iniciativas reformistas, num processo de diálogo, escuta e discernimento, o tema das juventudes e da família se encontraram no centro de processos sinodais e de uma ampla gama de atividades pastorais, protagonizadas em várias experiências eclesiais ao redor do mundo. É verdade que com a mudança epocal e os vários reflexos éticos no comportamento das pessoas – e dos cristãos – urge repensar as formas de acompanhamento, integração e acolhida das subjetividades.

No atual cenário eclesial e social predominam discursividades de tom reacionário, neoconservador e até anti-eclesial que condiciona as consciências e a forma de viver o seguimento de Cristo. No que tange à questão das juventudes e a família pautas e projetos distantes de uma tradição religiosa cristã se impõe, forçando a uma busca de argumentação e fundamentação teológicas na tradição, além de novas formas pastorais de acompanhamento destes sujeitos eclesiais. Desafios e obstáculos não faltam aos teólogos, pastoralistas e pastores do povo de Deus.

Esta reflexão pretende analisar a presença de uma nova primavera eclesial a partir do início do pontificado de Francisco, enfatizando que com ele uma nova postura e abertura para lidar com os desafios globais e eclesiais vem se impondo lentamente, principalmente no que tange à família e às juventudes. Ele é o protagonista de uma renovada releitura dinâmica e criativa do Concílio Vaticano II que convida todos(as) a uma nova sensibilidade, proximidade, acolhida e acompanhamento. Nesta análise, de caráter interpretativo, se iniciará destacando o pontificado de Francisco no contexto das “rachaduras” eclesiais e contextuais. No segundo momento, será abordada a família e a nova forma de lidar com este desafiante tema; enfim, no terceiro, se verificará como o tema das juventudes tem sido considerado no seu magistério e as perspectivas que se explicitam.

1. O Papa Francisco e a primavera eclesial em uma igreja fragmentada

Ao celebrar dez anos de ministério papal de Francisco, em 2023, é possível descrever o novo impulso dado a instituição, indicando o movimento de deslocar a passiva e autoritária pastoralidade da Igreja, para uma organização mais humanizadora e acolhedora. De certo, a identidade desse pontificado é o cuidado, expresso da prática do discernimento, atento aos sinais dos tempos e da conversão da comunidade para a essencialidade do Evangelho. Nesse sentido, o tema da família e juventudes, são elementos singulares para essa renovação. Pois, se a norma percorre atualizações morosas ou até inexistentes, a gestualidade de Francisco provoca e abre possibilidades. Não há como negar que o Papa Francisco tem proposto uma transformação pastoral na Igreja Católica, e estas duas questões não deixam de refletir uma primavera eclesial em movimento e implementação.

Francisco encontrou inúmeros desafios desde o início do seu pontificado, tanto *intra* como *extra* eclesiais. Havia questões relacionadas ao governo central da Igreja, uma onda de escândalos relacionados a abusos sexuais de menores pelo clero, sem contar a preocupante crise de fé que caracterizou o declínio visível de católicos na Europa e América Latina (PREVILE, 2019). Problemas que o testemunho do pontífice, mais ainda do que suas palavras, foi decisivo para a implementação das diversas reformas em curso na Igreja, sobretudo da cúpula, na perspectiva conciliar de sinodalidade e um “retorno às fontes”.

Cite-se, inicialmente, no Pontificado de Francisco, em 2013, a convocação do Sínodo dos Bispos para a família, e todo o processo que transcorreu até a edição do documento *Amoris Laetitia*. Embora não tivéssemos alcançado uma alteração da doutrina, ao acolher pessoas que vivem em outras configurações familiares, que não homem e mulher, abre-se ao debate sobre questões atinentes à sexualidade e gênero nunca assumidos nas últimas décadas⁴.

Ressalte-se, também os gestos públicos do Papa Francisco que contribuíram para abrir novos caminhos, como no início de 2015, quando recebeu em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria e sua companheira, como também quando visitou um

⁴ LIMA, Luis Corrêa. Família, Gênero e Orientação Sexual: questões enfrentadas pelo Papa Francisco. **Creatividade - Revista da Cultura Religiosa**. PUC Rio. 2019, p. 36. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=33613@1>>. Acesso em: 07 abr. 2023.

presídio na Itália e fez uma refeição na companhia de presos transexuais, e, ainda, nos Estados Unidos, quando recebeu na nunciatura apostólica seu antigo aluno e amigo gay, Yago Grassi, e o companheiro dele⁵.

Na Igreja, com a presença do Espírito Santo a guiá-la, a credibilidade e a coerência institucional dependem em grande medida da fidelidade de todos os seus servidores do Evangelho. No entanto, na Igreja se concretizam, e não poderia ser diferente, relações de poder, com tudo que isso significa. E para bem funcionar, no planejamento de cada projeto, na realização de passos concretos, no gerenciar os conflitos internos, no avaliar constante dos rumos assumidos como nos lembra Jesus, de forma lapidar, em seu Evangelho (Mt 20, 20-28; Mc 10, 35-45), é preciso que o poder seja exercido como serviço à vida e não como mecanismo de dominação de uns sobre os outros. O Papa Francisco captou bem esta ambígua e complexa condição da vida eclesial e no fundo assumiu a recepção do Concílio Vaticano II na chave da Igreja como Povo de Deus, diferentemente de João Paulo II e Bento XVI.

Em Francisco, a primavera eclesial é perceptível no seu movimento de sanar as fragmentações eclesiais e pastorais mediante gestos e atitudes ousados. Ele não demorou para indicar suas prioridades pastorais e sua compreensão de Igreja. Em novembro de 2013, oito meses depois do início do seu pontificado, a Exortação Apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium* surpreendeu a Igreja e muitos grupos fora dela pelo estilo pastoral, pelos temas, pelas referências citadas. Francisco demonstrou sua disposição em dar continuidade às inspirações e decisões do Concílio Vaticano II.

O movimento sinodal protagonizado em seu pontificado é um caminho de escuta e discernimento mediante a máxima acolhida de vozes e suas acolhidas no seio comunitário. Para ele, não basta colocar em movimento o discernimento espiritual, mais próprio do caminho de amadurecimento da pessoa rumo à vontade de Deus, mas toda a Igreja para a escuta do Espírito Santo. Etimologicamente, essa palavra de origem latina, *discernimentum*, é formada de três partes: *dis* = separar, dividir; *cernere* = escolher, decidir; e *mentum* = meio para, instrumento para. Assim, discernir, é o meio encontrado para escolher um caminho, para tomar uma decisão, para fazer uma escolha de vida. Consequentemente, nossas decisões mais profundas não podem ser reduzidas à imediatez de nossas emoções ou de nossas necessidades básicas ou interesses unicamente individuais (GEBARA, 2023, p. 120).

⁵ LIMA, 2019, p. 42-43.

A renovação eclesial desejada pelo Papa Francisco tem como critério a opção missionária e é em função da missão que estruturas, estilos, costumes e linguagem precisam mudar (EG, 27). Sendo a finalidade do cristianismo continuar a missão de Jesus Cristo no mundo de hoje, sendo boa notícia para todos, especialmente para os pobres, não se pode ignorar que é preciso dialogar com o sujeito contemporâneo para quem participação e autonomia são valores importantes. Mesmo não sendo uma democracia, a Igreja precisa repensar e mudar sua forma de organização e gestão se quiser ser considerada relevante. O discernimento ocupa um lugar central neste processo de escuta das particularidades e da consciência dos tradicionalmente não escutados.

Manter uma estrutura hierárquica que cria “castas”, onde hipoteticamente um grupo sabe mais e, por isso tem mais poder, desconsiderando as experiências e os anseios de grande parte não é coerente com a tradição cristã nem com o mundo moderno. Para que as mudanças aconteçam, as Igrejas particulares são convidadas a assumir um sério processo de discernimento (EG, 30). Ao longo do documento, Francisco vai continuamente convocar os sujeitos eclesiais à reflexão, ao exame das práticas pastorais e à conversão para que seja testemunhada a alegria do Evangelho.

A primavera eclesial impulsionada pelo corajoso convite do Papa Francisco para uma mudança ou conversão eclesial/pastoral é a própria assimilação de uma prática sinodal que deve permear toda a vida da Igreja. Esperar uma prática sinodal de uma Igreja altamente clericalizada, onde leigos são vistos como ajudantes e não sujeitos eclesiais (BRIGHENTI, 2019, p. 150) e, portanto, não participam dos processos em sua integralidade, é esperar fruto sem ter sequer lançado a semente. Se a grande maioria dos leigos foi formada para escutar o padre e concordar com ele, como esperar uma participação ativa e efetiva que chegue a questionar estruturas ultrapassadas como mencionado na Conferência de Aparecida?

É importante recordar que o direito-dever de participação e intervenção dos leigos na caminhada da Igreja local não é um favor que lhes é concedido, mas uma vocação proveniente do Batismo, reafirmado pelo magistério conciliar e reconhecido, inclusive no Código de Direito Canônico (PEÑA, 2019, p. 742). A dinamicidade de uma experiência eclesial é perceptível nos processos sinodais relativos ao tema da família e das juventudes. Nestas expressões do Povo de Deus a caminho do discipulado e do seguimento de Cristo, revigora-se uma tonalidade primaveril na vida eclesial e pastoral, impulsionando os membros ao comprometimento com o mundo.

Embora mediante às muitas polarizações e fragmentações existentes no tecido eclesial sejam reais e verdadeiras, o Papa Francisco recupera o paradigma do Batismo como a chave de leitura para a redescoberta do essencial na vida cristã. Se o primado do Batismo que confere a identidade cristã a todos e, portanto, a igual dignidade, for negligenciado, corre-se o risco de deformar o ministério de Cristo e, lentamente, propaga-se um clericalismo que vê a Igreja como uma elite de padres e bispos (FITZGIBBON, 2020, p. 29). Será sempre necessário recordar que todos os fiéis, sem distinção, são membros do povo de Deus e que, respeitando as diferenças de ministério, todos participam do sacerdócio comum e tanto este quanto o sacerdócio ministerial “ordenam-se um ao outro” (LG, 10). Deste modo, a escuta mútua e atenta do outro como um igual será um exercício enriquecedor e que contribuirá para o verdadeiro discernimento comunitário.

2. A primavera eclesial de Francisco a partir da família

O Papa Francisco desde o início do seu pontificado, tem demonstrado um claro interesse sobre o tema família, a partir a *Evangelii Gaudium*, documento capital do seu magistério. Ele designou a Igreja a uma reaproximação do Cristo – núcleo de toda a fé cristã. Para ele: “todas as verdades procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé” (EG, 36). Ademais, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, Francisco tratou de uma forma mais clara essa perspectiva, considerando “o amor doado e ordenado por Cristo na vida concreta da família” (FUMAGALLI, 2018, p. 50).

A exortação foi sendo construída aos poucos pelo método sinodal, em que os bispos foram ouvidos de forma processual durante duas assembleias extraordinárias, uma delas em outubro de 2014, e outra em outubro de 2015. A exortação tratou propriamente como se lê na primeira página, sobre “o amor na família”. Deste modo, Francisco fez nascer um ensinamento conciliar e pós-conciliar, que renovando a tradição bimilenar que compreendia o matrimônio em vista da realização dos bens dos cônjuges e da geração da prole, ele fixa essa união no ventre do amor, entendido como doação mútua pelos cônjuges (MARENCO, 2014).

O que tem se notado, a partir das páginas da exortação apostólica, é que história familiar é um lugar teológico – onde o mistério do amor de Deus se dá a conhecer (FUMAGALLI, 2018, p. 50). Nisso se percebe que o Papa não prescinde da realidade

histórica, como se conjectura na *Gaudium et Spes*. Como expoente do Concílio⁶, Francisco considera realidades familiares. E assegura, “os pedidos e os apelos do Espírito Santo ressoam também nos acontecimentos da história” (AL, 31). Na *Familiaris Consortio* n° 4 afirma: “A Igreja pode ser guiada para uma compreensão mais profunda do inexaurível mistério do matrimônio e da família”.

O Papa Francisco perspectiva que na história de cada matrimônio, está contido a dimensão última de cada indivíduo. Assim, os esposos poderão reconhecer o caminho que estão trilhando. Com efeito, é preciso considerar que nenhuma família é uma realidade completa, mas, requer um progressivo amadurecimento da sua capacidade de amar. De modo que, há grande apelo a imitar o amor entre Cristo e sua Igreja. Todavia, enquanto não se chega nessa meta, se vive num constante dilema entre o que se tem alcançado e a finalidade; o que dá a liberdade de relativizar o percurso histórico de cada família. Por isso, assegura Francisco, somos impedidos de julgar com dureza aqueles que vivem em situações delicadas. Mas, saber que somos chamados para algo que está além de nós e dos nossos limites e, que cada família deve viver nesse estímulo constante (AL, 324).

Nesse ímpeto de considerar as realidades históricas de cada família, o Papa propôs um caminho gradual, em consonância com a história da salvação. Hoje a recente antropologia teológica se fundamenta da nova criação em Cristo, que não se confunde com história da salvação, pois esta é uma sem ser uniforme (LADARIA, 2007). A criação em Cristo, por sua vez, é apenas o começo da história da salvação, mas ainda não é plena. Embora, a criatura humana já esteja em Cristo, não está plenamente completa. Assim, estar em Cristo não indica estar acabado, mas se vive numa tensão dinâmica pelo Espírito Santo, o qual configura a história da salvação, que embora sem solução comporta vários graus de conformação e incorporação em Cristo (FUMAGALLI 2018, p. 70).

Nesse sentido, o documento *Amoris Laetitia* tomou para si o caminho gradual engendrado ainda na Assembleia dos Bispos em 1980, sobre a família cristã, de onde proveio *Familiaris Consortio*. Naquela ocasião, foram levados em conta, o progressivo caminho que as famílias são suscetíveis. E foi pensado em desenvolver um avanço gradual de integração progressiva aos dons de Deus e das exigências do seu amor definitivo e absoluto em toda a vida pessoal e social. Sendo assim, é indispensável um

⁶ Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, se encontram uma série de citações dos documentos conciliares. Dentre elas, estão: *Apostolicam Actuositatem*, *Ad Gentes*, *Gravissimum Educationis*, *Gaudium et Spes* e *Lumen Gentium*. Se destacando a *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, nos números 48, 49 e 50; especificamente quando trata sobre a promoção da dignidade do matrimônio e da família.

processo educativo de crescimento, para que as famílias e os povos, bem como a civilização, a partir do que já receberam do mistério de Cristo, possam seguir em frente, alcançando uma compreensão mais rica e mais completa e integrando este mistério em suas vidas (FC, 9).

O percurso a ser feito, a partir da gradualidade deverá seguir pela via do discernimento. Para o Papa é “mesquinho” considerar o agir de uma pessoa a partir da observância da lei, pois isso não é suficiente para opinar sobre uma fidelidade a Deus. Assegurado do pensamento de Santo Tomás de Aquino, para discernir melhor das situações pastorais, afirma: “Embora nos princípios gerais tenhamos o caráter necessário, todavia à medida que se abordam os casos particulares, aumenta a indeterminação (...)” (AL, 304).

O posicionamento do Papa Francisco leva em conta a dimensão ética global de cada pessoa⁷. Considerando que além da extensão natural de cada ser chamado “homem”, se encontra também uma camada mais profunda intitulada “pessoa”, essa por sua vez, é a valoração do indivíduo como “realidade ética”. Portanto, Francisco respeita a dimensão pessoal do humano, ou seja, a sua subjetividade – consciência, liberdade e dignidade.

Deste modo, o discernimento, levará em conta o passo mais adequado. Isto é, este passo deve observar o tamanho da perna de que caminha, tendo em vista também o terreno, se é acidentado e as capacidades físicas de quem caminha. Nesse sentido, o Papa tem visa o bem possível, pois quando se compara o passo do caminhante e o tamanho do percurso, se nota que, o passo dado é insuficiente. Mas, quando se olha para o tamanho da perna do sujeito, o passo dado é mais que suficiente, ou proporcional. A razão disso, estar que o discernimento permite observar a indeterminação da norma em relação a um caso particular (FUMAGALLI, 2018, p. 76-80).

Em segundo lugar, o Papa ainda aponta outros condicionamentos a serem vistos, como a imputabilidade e a responsabilidade dos atos, que podem ser diminuídos e quiçá anulados pela ignorância, medo, violência, hábitos, e outras desordens psicológicas. Além disso, relembra que existem circunstâncias que atenuam a responsabilidade moral, chamada de imaturidade afetiva, por esse motivo, as pessoas podem encontrar grande dificuldade de agir de maneira diversa, embora levem em consideração a sua consciência. Por esse motivo a consciência das pessoas precisa ser incorporada na práxis da Igreja,

⁷ VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes: Ética da pessoa*, n° 2. Aparecida: Santuário, 1978.

alerta o Papa, e acrescenta, que as consciências precisam formadas para um amadurecimento, sobretudo uma confiança na cada vez maior na graça (AL, 302-303).

Por outro lado, Francisco é plenamente consciente das inclinações subjetivistas do mundo pós-moderno (AL, 33). Assim, sua proposta vai numa direção de uma “incorporação” e não de um “arbitrio” da consciência pessoal, propondo uma “consciência relacional” e não plenamente “autônoma”, em sintonia com a doutrina da Igreja. Ademais, Francisco propõe não substituir as consciências, mas, formá-las (AL, 37).

Ao tratar sobre a consciência relacional, o Papa retoma o clássico princípio da *Gaudium et Spes* 16: “a consciência é centro, mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja, voz, se faz ouvir na intimidade do seu ser” (cf. AL, 222). Esta metáfora, apesar de indicar um espaço privado, isto é, oculto de outras presenças, está habitado pela presença de Deus. Santo Agostinho afirma que a consciência, é o mais interior do que o meu íntimo de mim mesmo e mais sublime do que o mais sublime de mim mesmo, ou seja, a intimidade humana está atrelada ao divino. Inclusive, a tradição teológica eclesial, acentua a concepção de consciência dialógica entre Deus e o ser humano (FUMAGALLI, 2018, p. 84).

Essa natureza pode ser compreendida, também, pela metáfora da voz. A respeito da voz de Deus, não se afirma que “soa”, mas “ressoa”, terminologia que permite entender que Deus não fala de modo direito à consciência, como uma espécie de oráculo. A voz de Deus corresponderia, assim, como um eco, o qual é dado por um resalto de um som sobre aquilo que o reflete: a consciência. Portanto, a consciência pode ser compreendida como um “eco do Espírito” (Idem, 2012).

Deste modo, é imprescindível uma adequada formação da consciência em correspondência com o Espírito, por meio dos sacramentos e da Palavra, na comunidade, pastoreado pelo magistério, que necessita orientar as famílias para julgar melhor as situações de fragilidades e as novas uniões.

3. Francisco e a primavera eclesial à luz do desafio das juventudes

No cenário eclesial e social predominam tendências extremistas, neoconservadoras e doutrinárias que atingem fortemente as juventudes. Em meio a esse inverno do fechamento ao diálogo, a reflexão e ao diferente, verifica-se uma primavera eclesial do pontificado de Francisco que por meio do diálogo, entre o Evangelho e a

sociedade contemporânea, vai iluminando os caminhos escuros e assombrosos dos dias atuais.

O pontificado de Francisco está profundamente marcado pelas ideias do Concílio Vaticano II. Em suas catequeses, homilias, escritos e também em suas atitudes observa-se uma volta ao coração do Evangelho, a figura de Jesus de Nazaré. Dessa maneira, Francisco atinge as profundamente as estruturas eclesiais, chamando todos os fiéis a uma renovação a luz do Evangelho, que nunca deveria ter saído do centro da missão evangelizadora da Igreja.

O teólogo Fumagalli confirma que o pontificado de Francisco é marcado fortemente pelo Evangelho: “a teologia promovida por Francisco e já presente em filigranas no seu magistério, brotando ‘do coração do Evangelho’, é uma ‘teologia radical’, mais próxima da sua raiz evangélica do que das suas ramificações doutrinárias. (FUMAGALLI, 2019, p. 75). É um pontificado que nada contra a corrente, enquanto no cenário eclesial e social predominam tendências doutrinárias e neoconservadoras, Francisco aponta o Evangelho como a segurança e o caminho a ser seguido na sociedade atual. A volta ao Evangelho e o diálogo com a sociedade contemporânea é uma verdadeira primavera eclesial do pontificado de Francisco.

Dentro desse caminho, nota-se que a figura de Francisco frente a evangelização das juventudes é sempre de escuta, acolhida e cuidado, a exemplo do Bom Samaritano que vê, sente compaixão e cuida do homem desconhecido que se encontrava a beira do caminho ferido. Em seu pontificado “uma das palavras pronunciadas com frequência e já incorporada nos discursos do Papa Francisco é ‘amigos’. Chama os jovens de amigos, há uma proximidade, ao lado humano que sabe colocar-se ‘juntos’.” (PUNTEL, 2015, p. 504).

É nítido que Francisco quer caminhar junto, escutando os dramas das juventudes. Ao falar de jovens é importante utilizar no termo no plural, isto é, juventudes. O teólogo Libanio, propõe um percurso de reflexão importante: “Juventudes, assim, no plural? Sim, porque são muitas [...]. Muitas, por causa das diferenças de proveniência, de situação sociocultural e existencial.” (LIBANIO, 2013, p. 175). É insustentável a utilização do termo juventude na sociedade contemporânea, pois existem uma pluralidade de mundos juvenis, e vários jovens com suas formas de pensar, de agir, com suas histórias e vidas concretas.

No início de seu pontificado, diante da pluralidade de jovens, Francisco convocou um sínodo para escutar as juventudes que resultou depois na Exortação Apostólica Pós-

Sinodal *Christus Vivit*. Verifica-se que “Francisco trouxe para o centro da ação evangelizadora todas as juventudes e ao convocar o Sínodo, só fez reafirmar tal postura.” (SANTOS, 2019, p. 100). Nessa encíclica o pontífice apresenta os dramas das juventudes de forma real e ao mesmo tempo propõe caminhos de reflexão para formação das juventudes, a luz dos Evangelhos. O diálogo com a realidade dos jovens faz parte dessa primavera eclesial, pois nota-se uma Igreja que tem a preocupação de ver e ouvir a realidade das pessoas.

O encantador na figura de Francisco, é a valorização do ser humano, das juventudes, de seus dramas, é a forma como ele propõe o Evangelho. Não como uma teologia metafísica, distante da vida das pessoas. Mas, como um Evangelho encarnado, que toca a realidade do ser humano. O pontífice não pretende dar respostas exatas a tudo, pelo contrário, ele ajuda as pessoas a refletirem e respeita a forma de pensar das pessoas. Verifica-se que uma das mais belas plantas cultivadas no jardim de sua teologia é a valorização da consciência do ser humano que atinge intensamente a formação das juventudes contemporâneas.

Na sociedade atual, eis o desafio de formar as consciências das juventudes, a partir de seus contextos e do evangelho, e não simplesmente doutriná-las. Esta é uma preocupação do pontificado de Francisco: “olhando para a Exortação Apostólica *Christus Vivit* encontramos a preocupação paterna do Papa Francisco frente aos desafios que nossos jovens constantemente enfrentam” (LEMOS, 2022, p. 31). Sinteticamente, o pontífice parece apresentar uma preocupação autêntica e verdadeira com as juventudes, de modo que ele não tem uma posição condenadora e nem mesmo de doutrinar rigidamente o ser humano para uma religião.

Com o Concílio Vaticano II, surge uma grande valorização da consciência do ser humano na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. O teólogo Theobald afirma que “em razão da abertura radical da modernidade e dos problemas de orientação que ela coloca, a *Gaudium et Spes* remete os homens essencialmente à sua consciência (n. 16) e à sua capacidade de buscar juntos a verdade” (THEOBALD, 2015, p. 578). Verifica-se que a Igreja tem a missão de refletir, dialogar e valorizar a consciência dos seres humanos em busca da verdade. Frente aos desafios da sociedade contemporânea e ao inverno neoconservador, é missão da Igreja ajudar as juventudes, nessa busca da formação de uma consciência madura, para um agir prático e autêntico da fé cristã, a exemplo de Jesus de Nazaré.

O pontífice em sua exortação apostólica AL ensina que como Igreja, “somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las” (FRANCISCO, 2016, n. 37). Apesar da exortação AL ser direcionada as famílias, no que tange formação das consciências, pode-se utilizar os ensinamentos de Francisco para toda a Igreja, inclusive para a formação das consciências das juventudes.

Para Francisco, é necessária a escuta, valorização da consciência e história das pessoas: “A escuta adequada da voz do Espírito, refere-se, necessariamente, à valorização da consciência pessoas, na qual a *Amoris Laetitia* deseja o melhor envolvimento e a adequada formação” (FUMAGALLI, 2019, p. 67). Não basta simplesmente doutrinar as pessoas, no caso as juventudes, para seguirem uma norma abstrata. O ser humano é muito mais que um depositário e cumpridor de normas e regras. É preciso ir além, e a primavera do pontificado de Francisco apresenta isso, é necessário partir do coração humano, do coração das juventudes, para encontrar Deus e ajudar o ser humano encontrar seu lugar na sociedade.

Em meio às dúvidas, incertezas, inseguranças próprias do período da juventude e as diversas mudanças de paradigmas da sociedade atual, Francisco parece não ter medo de se abrir ao diálogo com as juventudes e nem com a contemporaneidade. O pontífice ensina que como Igreja é preciso reconhecer “com humildade que algumas coisas concretas devem mudar, e, para isso, precisa também acolher a visão e a crítica dos jovens” (FRANCISCO, 2019, n. 39). Francisco tem esperança nas juventudes, abre as portas da Igreja para a escuta atenta dos jovens e ensina que é preciso acolher inclusive as críticas e apreender com elas. Dessa maneira, pode-se afirmar que:

O pontificado de Francisco trouxe novas expectativas para a Igreja, trouxe não só expectativas como mudanças que geraram inseguranças em alguns mas esperança em muitos outros. A novidade chamada Francisco teve seu impacto na evangelização da juventude, pois, ele nos fala da esperança que a Igreja deposita em seus jovens (SANTOS, 2019, p. 95).

Na exortação apostólica pós-sinodal CV, observa-se que Francisco valoriza a todo instante a formação da consciência, para o discernimento através da práxis de Jesus Cristo: “jamais deve substituir-se está alegre experiência de encontro com o Senhor por uma espécie de ‘doutrinação’” (FRANCISCO, 2019, n. 215). O escritor e teólogo Thévenot, em seus estudos de teologia moral, vai reforçar essa ideia de que não devemos simplesmente doutrinar as juventudes através de normas rígidas e fechadas. É preciso

voltar a todo instante ao coração do Evangelho, se desejamos dialogar com as juventudes contemporâneas. Tendo em vista que,

o próprio Jesus me parece que nunca foi um ‘normalista’, mesmo se ele declarou que tinha vindo cumprir a lei (Mt 5,17). Mais do que tentar elaborar normas concretas bem precisas que corram sempre o risco de conduzir a uma moral do permitido ou do proibido, Jesus preferiu solicitar a criatividade ética de seus discípulos, manjando as fórmulas radicais e paradoxais do Sermão da Montanha ou ainda enunciando parábolas. Ora, as parábolas, pela reatualização permanente de que necessitam, funcionam como um convite a inventar, em cada situação nova, o caminho da fidelidade à Palavra de Deus e assim excluir o perigo da aplicação repetitiva da norma” (THEVENOT, 2008, p. 39).

Para ser jovem cristão não é necessário ter uma visão doutrinária, neoconservadora e intimista frente a realidade. Pelo contrário, essas visões simplesmente matam o espírito cristão, do seguimento a Jesus de Nazaré, e acabam com a visão bela da diversidade das juventudes. Ser jovem cristão é ter a capacidade de discernimento diante da sociedade contemporânea, a luz de Jesus de Nazaré.

Para Francisco, a missão da Igreja é ser uma seta que aponta para a figura de Jesus. Dessa maneira, “é necessário que a Igreja não esteja centrada demais em si mesma, mas, acima de tudo, que seja reflexo de Jesus Cristo” (FRANCISCO, 2019, n. 39). O pontífice, expõe que a Igreja tem que comunicar a experiência viva de Jesus Cristo, auxiliando as juventudes na formação da consciência que ilumina no agir do ser humano para a construção de uma sociedade mais fraterna e justa.

Em suma, Francisco apresenta em seu pontificado uma grande primavera eclesial da abertura para acolher as novidades da sociedade atual e dialogar com os jovens. Frente os desafios encontrados pelas juventudes, o pontífice por meio dos Evangelhos, da Tradição e do diálogo com a realidade, percorre um caminho permanente de formação e respeito da consciência das juventudes, aqui se encontra uma grande primavera eclesial de Francisco, o respeito as consciências. Francisco, na sua humildade, também consegue reconhecer que a formação da consciência não é uma etapa para um único período da vida chamado juventude: “Formar consciência requer um caminho da vida inteira, no qual se aprende a cultivar os mesmos sentimentos de Jesus Cristo assumindo os critérios de suas opções e as intenções de seu modo de agir (Fl 2,5)” (FRANCISCO, 2019, n. 281).

Considerações finais

O caminho aberto pelo Concílio Vaticano II, possibilitou a Igreja encontrar novas verdades de fé, sem anular a doutrina e a norma canônica. Com a mudança de paradigma, forjada no Concílio, Francisco tem vivido uma duradoura primavera eclesial em todos os sentidos, sejam eles, pastorais, teológicos e canônicos, até mesmo em setores mais polêmicos e fechados da Igreja, como questões relativas à afetividade e sexualidade. Com um ímpeto reformador, tem levado a todos pela via da sinodalidade em âmbitos mais estritos das realidades humanas, especialmente nas famílias e juventudes.

Deste modo, Francisco presidindo um projeto querigmático, a Igreja, está mais próxima da fonte que a alimenta, ou seja, o Evangelho. Nesse sentido, vale ressaltar a nova áurea humanista destes novos tempos. Onde a pessoa em suas subjetividades é considerada a partir do discernimento. Na *Amoris Laetitia*, Francisco refundou a lei da gradualidade de João Paulo II, esquecida no tempo, em que se alvitra aspectos mais intrínsecos dos casais, respeitando o processo pessoal de cada um, a partir das leis da consciência.

De posse de inúmeras verdades em ebulição, Francisco não prescinde da realidade, mas, acolhe sabendo que nela, se encontram os segredos para fazer a todos descobrir o Evangelho. O trato, oferecido aos casais de novas uniões, nasce exclusivamente desse olhar macro da realidade vigente. É importante salientar que, apesar de observar os caminhos de cada situação, o Papa não altera a doutrina para acolher multidões, com atos populistas, pois, como ele mesmo afirmou na EG, ninguém pode receber menos do que Jesus oferece.

No contexto plural das juventudes, presentes na sociedade contemporânea, o pontificado de Francisco é uma verdadeira primavera eclesial que abre horizontes de esperança frente o duro inverno social e eclesial, das tendências extremistas neoconservadoras e anti- eclesiais. O pontífice, a luz do Concílio Vaticano II, propõe por meio de um caminho sinodal, a escuta, abertura e diálogo com as diversas juventudes da atualidade. Neste caminho de abertura, o pontífice valoriza profundamente a consciência do ser humano e compreende evangelização, não como doutrinação, mas como um encontro com Jesus de Nazaré, que ajuda o ser humano a viver uma ética na sociedade.

Em suma, os dez anos do pontificado de Francisco, é uma primavera eclesial que coloca a Igreja em uma posição de abertura e diálogo com as realidades mais profundas, das famílias e juventudes, na sociedade contemporânea. Francisco, parece não ter medo

de promover um caminho sinodal, de diálogo com as famílias e juventudes, com a finalidade de compreender seus dramas, sem preconceitos e ao mesmo tempo acolher, a exemplo de Jesus de Nazaré, as pessoas respeitando o que existe de mais sagrado em cada uma delas, que é a sua consciência.

Referências

- BRIGHENTI, A. Identidade e vocação do laicato: uma abordagem histórica. In: **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 51, n. 1, p. 149-168, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3992> Acesso em: 29 ago. 2023.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: VIER, R. (Org.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 39-117.
- FITZGIBBON, E. Clericalization of the Laity: A Prescient Warning of Pope Francis for the Catholic Church in Ireland. **Irish Theological Quarterly**, Irlanda, v. 85, n. 1, p. 16-34, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0021140019889208>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia***: sobre o amor na família. São Paulo: Loyola, 2016.
- FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit***: para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.
- FUMAGALLI, A. **Caminhar no amor**: A teologia moral do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2019.
- FUMAGALLI, A. **Caminhar no amor**: A teologia moral do Papa Francisco. Prior Velho: Paulinas, 2018.
- FUMAGALLI, A. **L'eco dello Spirito. Teologia dela coscienza morale**. Brescia: Queriniana, 2012.
- GEBARA, I. Discernimento e Espiritualidade. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). **Ética Teológica e Discernimento**. Entre a razão e a educação solidária. São Paulo: Paulus, 2023, p. 117-131.
- JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Familiaris Consortio***. sobre a função da família no mundo de hoje. Disponível em <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html> Acesso em: 3 set 2023.
- LADARIA, L. F. **Antropologia Teológica**. 3º ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- LEMOES, A. L. Jovens no coração de Deus e da Igreja – exortação apostólica *Christus Vivit* – O olhar paterno de Francisco à juventude: **Revista Contemplação**. v. 28. Edição especial, 2022, p. 30-43.
- LIBANIO, J. B. Juventude e a fé cristã: **Perspectiva Teológica**. v. 45 n. 126, 2013, p. 235-266.
- MARENCO, L. **Generare nell'amore**. La missione della famiglia cristiana nell'insegnamento ecclesiale dal Vaticano II a oggi. Assisi: Cittadella, 2014.

- PEÑA, C. Sinodalidad y laicado. Corresponsabilidad y participación de los laicos en la vocación sinodal de la Iglesia. **Ius Canonicum**, Revista Semestral del Instituto Martín de Azpilcueta, Espanha, v. 59, n. 118, p. 731-765, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/ius-canonicum/article/view/37658> Acesso em: 29 ago. 2023.
- PREVILLE, J. R. **Como o Papa Francisco foi escolhido para liderar a Igreja Católica**. Entrevista com Gerard O'Connell. Revista *IHU* on-line, 3 de maio de 2019. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588816-como-o-papa-francisco-foi-escolhido-para-liderar-a-igreja-catolica-entrevista-com-gerard-o-connell>> Acesso em 28 de agosto de 2021.
- PUNTEL, J. T. Jovens. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 502-504.
- SANTOS, P. K. **Juventude e Puebla**: aspectos teológicos pastorais na evangelização da juventude. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.
- THEOBALD, C. **A recepção do Concílio Vaticano II**. São Leopoldo: UNISINOS, 2015.
- THEVENOT, X. **Contar com Deus**: Estudos de teologia moral. São Paulo: Loyola, 2008.
- VIDAL, M. **Moral de Atitudes: Ética da pessoa**. Vol. 2. Aparecida: Santuário, 1978.

Recebido em: 19/09/2023

Aprovado em: 04/12/2023